

NÉSTOR A. BRAUNSTEIN

BETTY B. FUKS

## A moral sexual “cultural” e os nervos à flor da modernidade de Freud

“A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno”. Que título mais extravagante para um artigo escrito há cem anos! Que maneira de unir o divergente!

A moral sexual “cultural”. Dois adjetivos, um dos quais de tal modo alheio em sua união com o substantivo que está entre aspas. Se não fosse o artigo no começo do extenso título, poder-se-ia pensar que são três os adjetivos: moral, sexual e “cultural”. De que modo e quem poderia ser moral, sexual e também cultural?

Após a afirmação, em quatro palavras, da existência de um sujeito fora de série (ou incongruente), lê-se uma conjunção, “e”, que liga esse sujeito a outro: “o nervosismo moderno”. Esse segundo sujeito inclui uma pressuposição igualmente insólita: há uma nova forma do nervosismo, moderno, que se deve distinguir de outra, antiga ou fora de moda. A patologia “dos nervos” muda com o passar do tempo; a de hoje (1908) não é a de ontem, estando sua mudança relacionada às regras morais da “cultura” (e há regras que não sejam culturais?)

Aceitemos todas essas particularidades do título freudiano e nos disponhamos a refletir sobre o que se passou ao longo desses cem anos: a mesma “moral sexual cultural” se mantém de pé? O “nervosismo moderno” continua a ser o que era? Tendo ambos os termos se alterado bastante, o que se passa com a conjunção de ambos? Como eles se relacionariam hoje, em 2011?

Sigmund Freud nomeou com precisão e ousadia os termos do problema: as características da vida urbana; a dupla moral sexual para homens e mulheres; a maldição da relação inflexível entre sexualidade e reprodução; a exclusão das saídas (assim chamadas) “perversas”; o prolongamento indevido da castidade, a não admissão – mais performativa do que praticada – da infidelidade conjugal; a hipocrisia na alcova; a neurose como proteção da “virtude”; a condenação dos homossexuais que demonstram diversas aptidões para a sublimação e o enriquecimento da vida cultural; o desconhecimento da sexualidade infantil; a indissolubilidade do vínculo matrimonial; o desprezo pelas potencialidades do gozo feminino. Consequências? A neurose generalizada, a acrimônia entre homens e mulheres, a anulação das possibilidades de uma vida fora dos padrões estabelecidos como “normais”, que são de árduo quando não quimérico cumprimento.

Hoje, tudo isso mudou... Mudou de tal forma que nos permite dizer que o vínculo social está melhor, que o mal-estar na cultura diagnosticado em 1930 diminuiu? Tudo é diferente... e tudo continua a ser motivo de preocupação. A condição da mulher é radicalmente outra, mas a igualdade de oportunidades se mantém como meta a ser alcançada e a diferença hierárquica entre o papel masculino e o papel feminino permanece opressiva. A organização familiar patriarcal deu um passo em direção a uma anarquia caótica, que frequentemente deixa indefinido o lugar dos filhos. A neurose comum se transformou em perversão, quando não em psicose ordinária. Os filhos se tornam objetos transicionais nas mãos de seus pais, que continuam a ser crianças (“época da criança generalizada”, dizia Jacques Lacan). O reconhecimento da capacidade de escolher o modo de exercer a sexualidade foi substituído pela mercantilização das modalidades de consumo sexual e por uma desvalorização das possibilidades do amor como forma de vínculo entre seres heterossexuais ou homossexuais. A precocidade do início da vida erótica termina por manifestar-se como indiferença em face do casal; a independência entre sexualidade e reprodução, como ausência de responsabilidade pelos filhos engendrados.

No âmbito das representações e das concepções sobre a sexualidade reina grande confusão e o essencial da mensagem freudiana acerca das pulsões, sempre parciais, permanece ignorado ou transformado em propósitos de soluções sexológicas diante do que Lacan definiu, para escândalo de todos os que não se furtaram a compreender a mensagem freudiana, como inexistência da relação sexual. A mistificação da atividade das pulsões no mundo contemporâneo é favorecida pelo êxito de uma psicanálise “midiática” que se dissemina, à proporção que se avoluma a falsificação a que se propõe. A invasão

da dimensão imaginária na televisão e na internet, ao preservar a confusão entre a satisfação da demanda com bens de consumo e a insatisfação estrutural do desejo, permite ocultar o real sexual. A insistência na globalização da vida serve para encobrir a segregação dos gozos clandestinos, que continuam a ser repudiados pelos discursos enganosos da “liberação”. É verdade também que, no pensamento acadêmico, operou-se um retrocesso que parece definitivo em suas manifestações reacionárias e que um ar vivificador proveniente dos discursos dos “condenados da terra” tomou os lugares mais importantes, ao mesmo tempo que as posições que poderiam pretender o retorno aos tempos patriarcais passaram a atuar na penumbra e na retaguarda acadêmica. O preconceito, hoje, goza de má fama.

Nesses campos, a psicanálise foi tida como uma resposta respeitável em seu momento, porém superada pelo transcorrer do tempo, como se não tivesse mais nada a dizer, como se sua “novidade” se tivesse esgotado. O essencial do que os nove textos aqui reunidos propõem, quatro deles escritos em português e os demais em espanhol, é a demonstração de que a “novidade” permanece de pé, de que todos os “progressos” alcançados na sexualidade do Ocidente deixam ainda mais claro o que falta alcançar no que respeita às relações equânimes entre homens e mulheres, ao reconhecimento das peculiaridades sexuais, à não indistinção entre sexo, de um lado, e genitalidade e diferenças de gênero, do outro. O que faz cócegas nos espíritos com sabor de novidade reiterada pelos meios de comunicação de massa não passa da reciclagem de algo há muito sabido, ao passo que o novo jamais envelhece. O novo continua a operar; renova-se a cada dia, ao indicar permanentemente a falsidade das pretensas “revoluções” (como a sexual), que, de acordo com sua etimologia, apenas re-tornam as coisas para seu estado progresso.

O “nervosismo moderno” mudou de cara e todos se comprazem em destacar, com um gozo recôndito, os “avanços” da depressão e do suicídio; das patologias alimentares como a bulimia e a anorexia, em primeiro lugar e insistentemente; das toxicomanias tradicionais e das novas adições aos jogos, à sexualidade e aos esportes de alto risco; da indiferença massiva dos adolescentes; da anestesiada crueldade das crianças; do desamparo anímico e material da terceira idade; da precariedade dos vínculos nos casais; e do desinteresse pela vida comunitária, em geral, e política, em particular. Tais temas praticamente inexistem na obra de Freud e são efeitos de transformações na vida social ocorridas nas últimas décadas. A questão, para os dez autores dos ensaios deste livro, é saber se esse novo “nervosismo moderno” é efeito também das novas formas da moral sexual e de que maneira se podem vincular os dois aspectos tão diferentes do inaudito e serendípico título do texto de Freud.

Como esperado, os nove textos têm como tema imprescindível o artigo freudiano de 1908. Em face das dificuldades em obter a autorização para reproduzir a tradução desse texto publicada na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, da editora Imago, da entrada em domínio público da obra de Freud no ano de 2010 e das discussões acerca da melhor maneira de traduzir termos como *Nervosität*, *nervös* e *Trieb*, encomendou-se uma nova tradução a Kristina Michahelles e Marylink Kupferberg, que buscaram recriar em português o frescor da prosa freudiana.

Nos demais textos, usou-se, adaptando-se quando preciso, a tradução do título feita pelas tradutoras. Na citação de trechos do texto freudiano e nos demais termos, como *Trieb* (vertido pelas tradutoras como impulso, em vez de pulsão), respeitaram-se as opções de cada autor, havendo, portanto, diferenças que se referem, entre outras coisas, à edição consultada por eles. Esperamos que, assim, a leitura do conjunto das contribuições torne a elaborar, uma vez mais, o dizer de Freud.